

# ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL



*Haroldo Pacheco*

DIRECTOR LITERÁRIO

MATEUS MORENO

(GERENTE)

# ALMA NOVA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR ARTÍSTICO

J. Saavedra Machado

Secretário: Teófilo Junior

SECÇÕES: "Agricultura, Comércio e Indústrias", F. de Miranda Barbosa; "Colónias", J. Gonçalo Santa Rita; "Crónica Financeira", Francisco Machado; "Letras", J. Guerreiro Murta; "Página Feminina", M. A. e M. K.; "Pedagogia", Teófilo Junior; "Sciencia e Filosofia", Newton de Macedo; "Sciencias históricas-Naturais", Ascensão Mendonça; "Sports e Educação Física", A. E.; "Teatros", Oldemiro Cesar e Rodrigues Cósme. ARTE: "Pintura", Martinho da Fonseca e Eduardo Romero; "Escultura", Maximiano Alves; "Arquitectura", Jorge Segurado; "Caricatura", Francisco Valença. REPRESENTANTES: Alemtejo, Picão Telo e Teófilo Junior; Algarve, Pedro Júdice e Samóra Barros; Coimbra, Nuno Cruz; Figueira da Foz, José Brandão; Minho, Cláudio Basto; Porto, Alvaro de Moraes; Vila Real, X; Açores, Braga Paixão e Rebelo de Betencourt; ESPANHA, Rogelio Buendia; Paris, Nuno Valença; Liège, J. Cravo; New York, Z.

CONDIÇÕES D'ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO): Portugal e Ilhas, Trimestre 3\$00, Semestre 5\$50, Ano 10\$00; Colónias e Espanha (só assinaturas anuais), 12\$50; Restantes países (idem) 15\$00. OS PEDIDOS DE ASSINATURA DEVEM SER ACOMPANHADOS DA IMPORTANCIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA EMPRESA DE PUBLICIDADE "RESSURGIMENTO"  
ESCRITÓRIO: CALÇADA DE JOÃO DO RIO, 8, 1.º (A' POLITÉCNICA) — LISBOA

TODA A CORRESPONDENCIA AO DIRECTOR-GERENTE.

## SUMÁRIO

III.ª SÉRIE · ABRIL DE 1922 · N.º 1

"Arco do Carrasco" (Obidos), quadro de Martinho da Fonseca.....	pag. 1
"Palavras de Abertura", OS DIRECTORES .....	" 2
"Romagens d'Arte": No Museu de Arte Contemporânea e no "Atelier" de Columbano..	" 3
LETRAS: O meu programa. O Estilo do Sr. Conde de Sabugosa, por J. Guerreiro Murta.	" 5
"D. Ramón Maria Tenreiro", por Fidelino de Figueiredo .....	" 7
OS NOSSOS POETAS: "Soberania Máxima", soneto de Cruz Magalhães.....	" 8
"Açores", por Braga Paixão.....	" 9
"Colónias", por J. Gonçalo Santa Ritta .....	" 10
ARTE: Secção de Pintura, Arquitectura e Caricatura, programas por Martinho da Fonseca e Eduardo Romero, Jorge Segurado e Francisco Valença .....	" 11
MIGALHAS HISTÓRICAS, "Vila Nova de Portimão," por P. M. Laranjo Coelho.....	" 12
"Arquitectura Portuguesa": Casal da Paz (Para Sintra), projecto de Vasco de Moraes Palmeiro (Regaleira).....	" 13
"O Heroísmo Anónimo": 9 d'Abril.....	" 14
"Carta a uma Mulher Moderna", por J. Guerreiro Murta.....	" 15
"Carta de Paris", por Nuno Valença .....	" 16
"Presságio", soneto de Américo Durão .....	" 18
"Caricatura", inédito de Rafael Bordalo Pinheiro.....	" 19
"Página Feminina": Modas, por M. A. e O bordado da Madeira, por M. K.....	" 20

FRUTOS D'OUTONO, "HORS-TEXT" DE COLUMBANO — ILUSTRAÇÕES DE FRANCISCO VALENÇA, ISAURA CAVALHEIRO E SAAVEDRA MACHADO

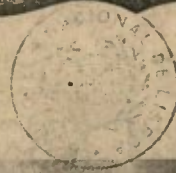
GRAVURAS DE LALLEMANT E PIRES MARINHO

ALMA  
NOVA  
REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

NUMERO

LISBOA, ABRIL DE 1922

III.ª SERIE



ARCO DO CARRASCO (ÓBIDOS) POR MARTINHO DA FONSECA



## PALAVRAS DE ABERTURA



A ARTE só poderá realizar amplamente a sua função educativa quando não pretendam submetê-la ao critério, geralmente restricto, dos organismos partidários.

Reocupando o nosso posto de Director Artístico da *Alma Nova*, não dispensámos, pois, a garantia de não manter esta publicação outros intuitos que não sejam senão os que procurem contribuir d'alguma forma para o engrandecimento da nossa terra e para a sua propaganda literária e artística.

Accedendo ao gentil convite do nosso velho amigo Mateus Moreno, não nos propomos de antemão elaborar complicados programas, nem apresentar soluções de vastos problemas artísticos, que muitas vezes a dolorosa experiência de certos factos se encarrega de dissipar como fumo. O que podemos, no entanto, assegurar desde já é que faremos a defesa e propagação, quanto possível orientadas, da Arte Portuguesa, tornando conhecidas pela gravura as melhores obras dos nossos museus e galerias d'arte, assim como os nossos principais monumentos, exposições, etc., além do labor artístico dos contemporâneos, sem distinção de escolas.

Mais tarde trataremos pouco a pouco de assuntos que mais particularmente interessem á classe.

Para dirigirem as diferentes secções de especialidades artísticas, convidámos alguns artistas novos que se nos impõem, não só pelas obras já realizadas como pelas afirmações de character, sempre mantidas. A sua acção leal nas referidas secções, que ficam á sua responsabilidade e para as quais poderão levar os elementos que julgarem necessários, é que fará o engrandecimento artístico da revista.

Na secção de Critica contamos com a valiosa colaboração do illustre professor da Escola de Belas Artes e Director do Instituto de Anatomia de Lisboa, Dr. Henrique de Vilhena.

Resta-nos acrescentar que será bem simples a nossa missão de dirigir, que muitos confundem, lamentavelmente, com a do mando. Dirigir, no nosso caso, não significa impor, comandar; significa reunir, acolher, irmanar vontades em torno de uma causa de Bem, como é a da Arte, respeitando em cada temperamento a sua noção da Liberdade e o seu modo especial de interpretar e de sentir.

\* \* \*

Literariamente a *Alma Nova* procurará ser a confirmação do seu programa de Arte. Arte, bem entendido, no significado genérico de *Culto da Beleza*.

Como revista moderna, acompanhará em conjunto a evolução intelectual das novas gerações, eximindo-se, todavia, ao exagêro de exotismo que possam desvirtuar a missão educativa que se impôs.

Será assim uma revista não sómente para os iniciados, para os que já definiram a sua predilecção por esta ou aquela correntes, mas uma revista completamente ao alcance de todas as sensibilidades e até, se possível, de todas as inteligencias. O que nas suas páginas se pretende ensinar, sobretudo, é a melhor conhecer e amar Portugal.

Em Sciencia fará obra de simples divulgação. Deixando ás revistas das especialidades o aprofundarem os diversos assuntos, deles dará, no entanto, a sufficiente matéria para uma illustração mais do que geral.

Como na parte artística, as diferentes secções literárias foram confiadas a figuras novas de competência, que seria já sufficientemente justificada pelas situações officiais em que se encontram, se outras e inegáveis provas não houvesse tambem a documentá-la.

A *Alma Nova*, convém acentuar, não é órgão nem pertença de quaisquer grupos políticos ou simplesmente doutrinários. Não tem sequer o exclusivo desta ou daquela região do país. Em cada Província, assim como nas Ilhas e Colónias, tem os seus representantes locais que zelarão pela respectiva defesa e propaganda, focando os principais aspectos intelectual e económico, auscultando as necessidades e tornando conhecidas belezas e costumes. Para acompanhar, cumulativamente, o movimento intelectual e artístico dos outros países, possúe idénticas representações nas principais cidades do estrangeiro.

O primeiro número desta nova série, ou bem ou mal, aí vai. Os que viérem, pelo menos em nosso desejo, serão sempre — os melhores. E sê-lo-ão, creia-o o leitor, se nunca nos faltar aquele carinhoso incentivo em que, inteiramente confiados, nos abalançámos á difícil tarefa.

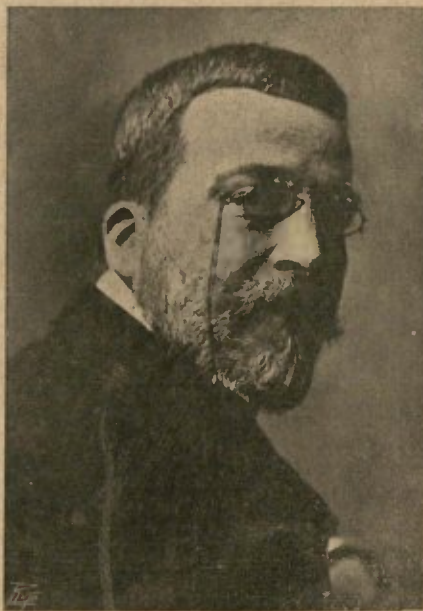
OS DIRECTORES

# ROMAGENS D'ARTE

## NO MUSEU D'ARTE CONTEMPORANEA

### E NO «ATELIER» DE COLUMBANO

COMO INÍCIO A SUA DEVOTADA ROMAGEM A TODOS OS MUSEUS, GALERIAS DE ARTE, «ATELIERS» E PRINCIPAIS MONUMENTOS DO PAÍS, FIXANDO IMPRESSÕES PRÓPRIAS OU ESCUTANDO OS ARTISTAS, É COM O MAIOR DESVANECIMENTO QUE A «ALMA NOVA» HOJE VAI REPRODUZIR, EM RÁPIDAS LINHAS, O QUE SÔBRE O MUSEU NACIONAL D'ARTE CONTEMPORÂNEA



COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

DEDICADAMENTE LHE CONFIÓU O SEU ILUSTRE DIRECTOR E GRANDE ARTISTA SR. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, NESSAS MESMAS SALAS QUE MUITO BREVEMENTE DEVEM SER REABERTAS PARA O PÚBLICO E ONDE O VENERADO MESTRE, GLÓRIA DA PINTURA PORTUGUESA, TEM PÔSTO TANTO DO SEU ENTUSIASMO E FEITICEIRO CARINHO DE PATRIOTA.

TRANSPOSTO o largo portão que serve ao mesmo tempo de ingresso á Biblioteca Nacional—êsse outro valiosíssimo «templo» dos códices e in-fólios, de que na devida altura nos ocuparemos, — o nosso olhar alonga-se, em frente, na semi obscuridade de um extenso corredor, donde se eleva, quasi a meio, a macia brancura de alguns gessos.

E' o corredor da Academia de Belas Artes, — poderá informar-nos um continuo que junto da pequenina mesa vigia a entrada — e por êsse corredor se comunica, efectivamente, com as dependencias do Museu.

Encontrando-se o referido em obras, aguardamos a chegada do Director. Tanto mais que era principalmente para ouvir Columbano, que, na verdade, ali íamos.

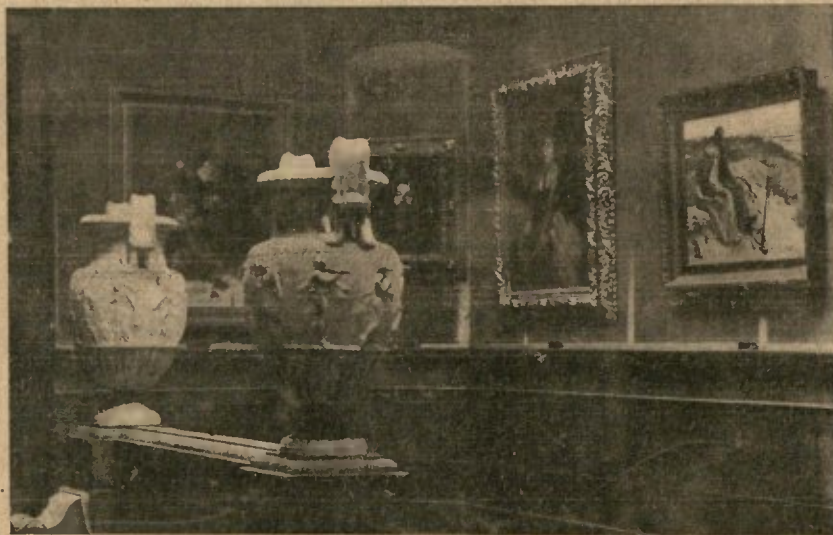
Não tarda, porém. — Alguns minutos apenas.

«Êste museu, recorda agora o Mestre, a uma nossa primeira pergunta e conduzindo-nos através de salas ainda em desalinho e de outras já esplendidamente remoadas, êste museu, como deveis saber, foi criado por decreto de 26 de maio de

1911, tendo sido seu primeiro director o sr. Carlos Reis, que fez importantes melhoramentos nestas antigas salas da Academia de Belas Artes, instalando nela o museu e mandando construir a grande galeria de escultura.

«Tô das obras d'arte executadas na segunda metade do século XIX até á actualidade,

que se encontravam no antigo Museu das Janelas Verdes, foram então transportadas para êste novo Museu Nacional, o que, juntamente com algumas já existentes na Academia e outras adquiridas pelo rendimento do legado Valmôr, constituiu a 1.ª colleção importante do Museu. Mais tarde, ainda, as obras dos artistas nacio-



UM TRECHO DO MUSEU

nais, adquiridas anualmente nas exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes, pela verba do Estado, vieram aumentar e valorisar mais esta admirável colecção."

Percorridas religiosamente todas as salas, ora escutando os informes do Director, ora as sábias observações do Artista, uma pequenina porta, que se abre ao fundo da última e á direita do famoso tríptico «O Marinheiro» de Constantino Fernandes, leva-nos ao seu atelier. Um momento para o Mestre *pousar*, com Martinho da Fonseca e Saavedra Machado, ante a objectiva do fotógrafo; depois, distraindo um pouco a atenção da sua célebre galeria de retratos e das varias telas, que nos cavaletes aguardam, aqui e ali, que o Artista as complete, continuámos novamente:

— Pode V. Ex.<sup>a</sup> dizer-nos se tem os poderes públicos auxiliado convenientemente este Museu?

Columbano concentra-se um instante, depois historia: «Quando tomei posse do lugar de Director, no fim do ano de 1914, o Museu dispunha apenas de 500 escudos anuais para as despesas da sua manutenção. Com tão poucos recursos não me era permitido fazer qualquer coisa de importância se não fosse o interesse e boa vontade do Secretário Geral do Ministério da Instrução, Dr. João de Barros, que me conseguiu um aumento de mil escudos anuais para a sua dotação.

«Sendo Ministro da Instrução o Dr. Domingos Pereira, este concedeu-me, extraordinariamente, uma verba de 8:500 escudos para uns melhoramentos indispensáveis na grande sala de escultura. Infelizmente, logo que as obras tiveram principio os preços da mão d'obra e do material subiram vertiginosamente, esgotando a verba antes de terminados os trabalhos, ficando assim a sala impedida de ser aberta ao público por grande espaço de tempo, até que o Director Geral de Belas Artes, Dr. Augusto Gil, incansável no interesse que lhe tem merecido este Museu, me proporcionou os meios necessários para a sua conclusão. Ao illustre Mestre e



NO «ATELIER» DO MESTRE; SAAVEDRA MACHADO, COLUMBANO E MARTINHO DA FONSECA

seus Nacionais uma verba especial para compra de obras d'arte no Leilão Ameal, em Coimbra, que vieram enriquecer as suas colecções."

— E a propósito,—interviemos,—tem o Museu tido ultimamente algumas ofertas ou legados importantes?

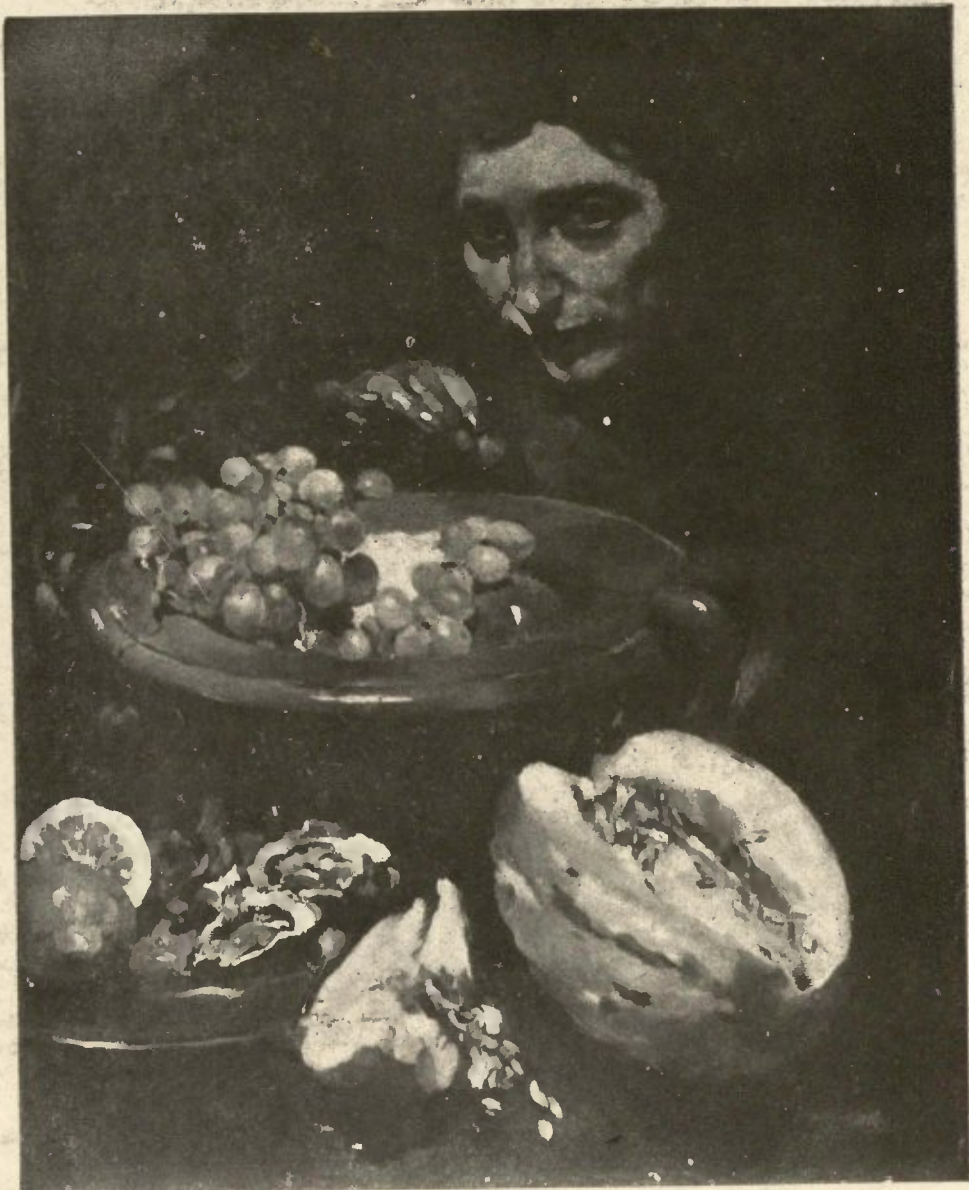
— Este Museu —confirma Columbano,—tem tido legados e ofertas valiosissimas, tais como os legados do Dr. Sousa Martins, Ventura Terra e Manuel Gustavo, e as importantes ofertas da Sr.<sup>a</sup> D. Elisa de Miranda Pereira de Menezes, José Relvás, Cruz Magalhães, Pedro Bordalo Pinheiro, Madame Dulac, D. Leonor Rosa, etc."

Sabemos que o Mestre tem de ir ás suas aulas da Academia e pedimos então licença para nos retirarmos. Novamente atravessamos todas essas salas onde o illustre artista tem pôsto o melhor do seu carinho e do seu entusiasmo — tanto nas antigas, hoje bastante transformadas, como nas de que acaba de dotar o Museu, — novamente a nossa alma ajoelha deslumbrada ante a sumptuosidade afectiva dessa formosíssima galeria de esculturas e novamente atravessamos o extenso corredor de entrada.

Columbano, que nos acompanha até á porta, não quere deixar ainda de aí nos confiar, num último e vigoroso aperto de mão:

«Por tudo isto julgo poder acreditar que o Museu de Arte Contemporânea, dentro em pouco, pelas obras primas que encerra, será um Museu notável em qualquer parte do mundo!» Com orgulho o repetimos.]

M.<sup>o</sup>M.



"FRUTOS D'OUTONO", POR COLUMBANO

ALMA NOYA  
N.º 1-III,ª SÉRIE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY



# LETRAS



## O MEU PROGRAMA

Na minha árdua tarefa de crítico, proponho-me analisar cuidadosamente os livros que forem aparecendo, apontando defeitos ou enaltecendo qualidades com imparcialidade desusada.

Procurarei fazer sempre um trabalho sincero, um estudo consciente, ainda que modesto.

Terei especialmente como alvo a defesa e o alevantamento da nossa língua. Por isso, nas minhas breves apreciações estudarei com toda a dedicação os trajos com que se veste o pensamento — o estilo.

Atenderei a tudo: barbarismos, solecismos, galicismos, clareza, harmonia, impropriedade



CONDE DE SABUGOSA

dos termos, insuficiência, exagero, sequidão, baixaza, incoerência das expressões, etc., etc.

Quando se proporcionar, escreverei a respeito de algumas questões filológicas e do gosto na literatura e ocupar-me-ei também do estilo dos clássicos e dos modernos, mostrando, quanto possível, a sua evolução.

Os contemporâneos que primeiro estudarei, serão: Conde de Sabugosa, Ricardo Jorge, Antero de Figueiredo, Augusto de Castro, Aquilino Ribeiro, Agostinho de Campos, etc.

Tudo isto, é claro, será cumprido se as minhas faculdades me não iludirem presentemente.

## O ESTILO DO SR. CONDE DE SABUGOSA

Trois choses sont absolument nécessaires (dans le style): régularité, clarté, élégance. Avec les deux premières on parvient à ne pas écrire mal; avec la troisième on écrit bien. (Voltaire. D. c. phil., art., langues).

O SR. Conde de Sabugosa teve o talento de iniciar entre nós um género novo de literatura, citando com brilho e verdade os mais mimosos pedaços do passado.

Na galeria interessantíssima das figuras de relêvo, nos retratos, quasi sempre femininos, de feições atraentes, cheios de encanto e de poesia, nessa série de visões extremamente simpáticas, há uma pena que corre com mestria, apontando intrigas galantes, scenas impressionantes da côrte. A sua «plume de gentilhomme», como muito ajuizadamente lhe chamou o Eça, possui todos os segredos da arte de contar, que são principalmente excitar a atenção, suscitar e aumentar a curiosidade para atingir o máximo efeito. E é pela sinceridade, energia, côr e elegância que êle sabe muito bem consegui-lo.

Para o sr. Conde de Sabugosa a personagem que a sua pena desenha é objecto dum estudo especial. Nêle aparecem postos á luz os motivos do seu proceder, os meios de que se serviu para os seus êxitos, a influência das suas opiniões e das suas virtudes para conquistar os melhores triunfos.

O sr. Conde de Sabugosa não esquece que uma mínima coisa, uma simples palavra, um diálogo, uma anedota, põem bem em evidência o natural das personagens históricas.

«Une circonstance bien choisie, dit Fénélon, un mot bien rapporté, un geste qui a rapport au génie ou à l'humanité ou à l'humeur d'un homme, est un trait original et précieux dans l'histoire. Il vous met devant les yeux cet homme tout entier.

No estilo do autor das «Donas dos tempos idos» há

a conveniência, há a conformidade do tom com a natureza de assunto. Para as conversações familiares tem êle a simplicidade aliada sempre á delicadeza. Nunca é trivial quando é preciso ser pomposo nem cai na vulgaridade quando deve ser nobre. Êle sabe muito bem distribuir os tons solenes nos assuntos elevados e também ser grave e austero quando convém. Nunca é arrebatado quando necessita de ser calmo; nunca desenvolve toda a energia do seu estilo onde deve reinar a suavidade, a doçura.

O sr. Conde de Sabugosa não tem a incoerência e o arrôjo das imagens. Estas são ditadas pela razão e pelo bom senso, o que prova o seu gôsto estético. As suas metáforas são sempre de uma precisão luminosa.

A sua frase curta, que é de mais difícil realização, apparece-nos quasi sempre mesclada com as frases longas, o que produz uma bela variedade. Ele sabe cuidar a sério dos finais, com o que obtém um efeito musical completo. Nisto o sr. Conde de Sabugosa é um verdadeiro clássico, cujas obras abundam em efeitos rítmicos ou plásticos.

Nas suas obras não abusa das digressões e dos parênteses nem encadeia pensamentos sem relação bastante. Por isso, quando se lêem os seus livros, *não se tropeça em frases ásperas, não se embica em circunlóquios torcidos, pretenciosos*. As suas frases não são nem prolongadas por comparações, nem arredondadas por ornamentos demasiados.

Com as suas proposições novas, nobres, harmoniosas, consegue êle dar ao estilo relêvo, vigor e suavidade, tornando a língua um instrumento dócil e muito expressivo.

Por vezes nos seus belos escritos sentem-se palpitar a imaginação ardente de poeta e a emotividade de artista, mas sem nunca ofuscarem os seus pensamentos. sem nunca obscurecerem a limpidez das suas ideias. A sua prosa não é apenas a água cristalina do regato que deixa ver o pequenino seixo, nem o espelho onde se vê nitidamente a imagem das cousas; é uma tela, onde não há unicamente sentido de palavras, como em quasi todos os clássicos, mas abundância de cores, vibrações que geram notas claras.

Não há dúvida de que o estilo reflete a personalidade do escritor. O estilo não é mais do que a resultante complexa das diversas impressões sob as quais se fez a educação da personalidade. O sr. Conde de Sabugosa é um artista de fino gôsto, poeta dos outros tempos que conviveu com uma pleiade brilhante de escritores — Eça, Conde de Arnoso, Ramalho, António Cândido, etc. — e tem passado a sua vida num verdadeiro museu de arte — o seu palácio de S.<sup>to</sup> Amaro. Além disso, segundo êle afirma modestamente nas «Neves de Antanho», ainda hoje inveja a ferra-venta com que trabalharam os Barros, os Coutos, M.<sup>el</sup> Bernardes ou Francisco M.<sup>el</sup> de Melo, e ainda hoje proclama seus mestres de gramática Castilho, Gairrett e Herculano.

Foi com êstes que êle aprendeu a escolher as palavras — elemento essencial de bom gôsto, — palavras que se adaptam rigorosamente á ideia. Foi com êstes que êle aprendeu a fazer economia de adjectivos, evitando epitetos de significação vaga, falsa e imprópria. A's vezes uma palavra, que nos parece trivial, vulgar, empregada pelo autor da «Gente de Algo» no lugar onde ella só pode ser empregada, é duma energia e duma verdade singulares. Usa das palavras eruditas sem aspiração a

efeitos retumbantes e tem alguns termos com sabor antiquado que foram exigidos pelo personagem ou pela época que descreve. Fáz-lo muito conscientemente. Di-lho nas «Neves de Antanho» a propósito d'êste vocábulo.

«Se a alguém causar estranheza êste termo, ou o alcinhar de rebuscado, julgando que por affectação dou preferencia a vocabulos desusados, desprezando a linguagem corrente e chan breve corrigirá a accusação fazendo-me justiça.

Se, porém, no decorrer da oração pinga do bleo da minha pena um vocabulo de que se perdeu o uso, ou uma locução que, embora tocada da ferrugem do tempo, expressa significativamente a ideia, não me tolhe o receio de que me alcinhem de affectação ou me acusem de calamistar proposadamente os periodos. eixo-o ficar.

Assim e.i pude sc, com engenho, e arte trazer á minha prosa os termos, os vocabulos, as locuções hoje perdidas que ta-ta nobreza e lustre davam á lingua portuguesa »

O sr. Conde de Sabugosa está dentro da boa regra. A condição da prosa artística é quasi a absoluta liberdade de vocabulário para invocar com o máximo de precisão as imagens dos seres reais; é o emprêgo, ainda que com reservas, de todos os nomes particulares das cousas — arcaicas, técnicas e populares.

Pensando assim, o sr. Conde de Sabugosa apresenta-nos uma riqueza e uma bela variedade de termos espalhados por uma pena firme que anda ao serviço dum pensamento rigoroso e muito seguro..

Voltaire afirmou que, quem tem muitas ideias nítidas, tem certamente muitas ideias diferentes e exprime-se naturalmente e duma maneira variada. O que não pensa não pode variar o seu estilo, porque não tem nada que dizer. E antes mesmo do obreiro da *Henriade* já Boileau tinha escrito:

«Avant donc que d'écrire apprenez à penser.»

E o sr. Conde de Sabugosa sabe coligir com muito método e muito raciocínio o material que tão eruditamente distribue pelos seus livros. É o que nos ensina uma carta que eu publiquei no «Ensino da Redacção da Língua Portuguesa» e que reproduzo aqui por julgá-la muito pouco conhecida.

«Sempre que qualquer assunto histórico ou arqueológico me atrae a atenção no decorrer duma leitura, ou duma peregrinação através de ruínas pitorescas ou em visita a monumentos que nas suas paredes abrigaram figuras cuja memória me afaga a imaginação, tento reduzir as minhas impressões a escrito, sem outro intuito mais que evocar e trazer á vida o mais nitidamente que possível for, essas personagens, e reconstituir scenas doutro tempo, agora já esquecidas ou ignoradas.

Depois de fixado o assunto recorro a todos os meios ao meu alcance para realizer o plano que intentei, isto é, fazer obra que não desagrade a quem lê e que lhe fale verdade.

Verdade? Sim, verdade. Não a verdade absoluta, quasi sempre intangível, mas o que mais se aproxime da realidade. Para isso de to mão dos livros que se occupam do personagem que me propus estudar: das crónicas; das memorias; das correspondências; das tradições locais; das lendas e das historietas transmitidas de geração em geração (depois consulto os meus contemporâneos — historiadores, arqueólogos, genealogistas, filólogos e todos os que podem fornecer-me contrbulção eficaz. Em Portugal, louvado Deus, não escasseiam; e quando a gente sabe procurá-los n' o continho em que modestamente trabalham nas suas especialidades, logra sempre boa colheita.

Só depois desta tarefa adeantada atiro ao papel ainda desalinhadas as minhas impressões. Deixo-as então abeberar como sôpas de leite, e mais ade-mente é que entro a redigir, compondo as frases ao sabor da inspiração

Ficou uma obra de arte?

talvez não. Mas fica um trabalho de probidade, que por êsse facto merece benevolência. Qualquer afirmativa tem sempre uma autoridade que se abone

Quanto a artificios de linguagem prescindindo d'êles quanto posso a língua portuguesa é um dos mais belos instrumentos que existe, mas é também dos mais difíceis de manejar.

E como con-tê-la a fundo é d' do a poucos, uso do processo mais seguro para não desafinar — ser simples para ser perceptível. Quem tem uma ideia nítida sabe expô-la com clareza»

O leitor que conheça bem o estilo do autor d'*A Rainha D. Leonor*, sentirá certamente a modéstia sincera que resalta do final da sua carta. Mais uma vez se confirma aquelle justo conceito de La Bruyère, o grande escultor da linguagem do século de Luís XIV:

«Les esprits médiocres croient écrire divinement, les bons esprits croient écrire raisonnablement».

# D. RAMÓN MARIA TENREIRO

Meu caro Moreno :

**V**OCÊ e o Murta gentilmente desejam que eu coopere no seu simpático e levantado empreendimento da revista «Alma Nova», órgão das aspirações da geração moderna, e eu, aproveitando os meus escassos momentos de lazer e apoiando os vossos sentimentos de hispanofilia, fiz uma versão da formosa novela de D. Ramón Maria Tenreiro, *El loco amor*, delicada narrativa das cegueiras fatais do deus vendado, duma sensibilidade tão penetrante e dum tom passional por vezes tão intenso que a gente

de bom gosto verá nela uma interessante aliança do lirismo galego e do arrebatamento castelhano.

O autor, querido e provado amigo meu, foi durante alguns anos o crítico da famosa revista *La Lectura*, por cujas páginas disseminou os seus juízos argutos, perspicazes, sem exclusão de indulgência. A livros portugueses se referem numerosas dessas páginas. Como crítico deu ainda uma edição excelente de algumas comédias de Lope de Vega, com a colaboração de Gomes Ocerin e, senhor dum sólido conhecimento das linguas alemã e italiana, traduziu obras de Goethe, Kellermann, Jörgensen, Hauff e Fogazzaro. Para as crianças fez adaptações admiráveis, na Biblioteca de Juventud, de *La Vida es sueño*, de Calderon de la Barca, e do *Conde Lucanor*, de D. Juan Manuel, com um gôs-



D. RAMÓN MARIA TENREIRO

to tão delicado e tão inteligente senso pedagógico que só encontramos competidor dessas virtudes no nosso poeta Lopes Vieira. Ambos compreenderam, o prosador espanhol e o poeta português, que as crianças querem obras de arte superiores, não pobres arranjos improvisados, duma simplicidade artificial de que elas mesmas seriam. Escrever para crianças de modo a suscitar-lhes emoções, sem deixar de ser espiritualmente um adulto e um alto artista, é o segredo desta literatura infantil, vedado a mediócrs.

Modernamente, D. Ramon Maria Tenrei-

ro inclina-se para a literatura de ficção, género de que nos tem dado as novelas *Embrujamiento*, *La Agonia de Madrid*, *Lunes antes del Alba* e *El loco amor*, cuja publicação principiará no próximo número desta revista.

Para os portugueses deve ser bemquisto o nome deste nobre escritor, que é um amigo das letras de Portugal, cuja divulgação tem promovido no seu país com entusiasmo e dedicação. Ainda recentemente publicou uma tradução fiel e elegantíssima do *Hino da Manhã*, de Anthero de Quental. Por estas razões, julgo que V., meu caro Moreno, e o nosso Murta, devem hospedar nas colunas da *Alma Nova* com todas as honras a emocionante novela, que falará aos corações portugueses dum mal bem português—«este inferno de amar», como diria Garrett.



# NOSSO POETA.



## SOBERANIA MÁXIMA

*Ao Excelentíssimo Senhor  
Doutor Antonio José de Almeida  
— escol da pura Amizade.*

**E**NTRE O ROLAR DOS MUNDOS INFINITOS,  
IMPÉRIO COLOSSAL QUE NÃO BAQUEIA,  
OS GRANDES HOMENS SÃO APENAS MITOS,  
A TERRA IMPERCÉTIVEL GRÃO DE AREIA!

¿ QUE VALEM NOSSOS MÍSEROS CONFLITOS,  
O FÉRTIL LAMPEJAR DA NOSSA IDEIA,  
LOUROS DE HERÓIS, ANGUSTIAS DE PRECÍTOS,  
POR ONDE O ETERNO UNIVERSAL VAGUEIA?

GRANDEZAS, HONRARIAS, SÃO QUIMERAS,  
QUE ESMALTAM A VAIDOSA HUMANIDADE,  
NUMA ILUSÃO, QUE VEM DE ANTIGAS ERAS.

UMA SÓ COISA AFLORA A ETERNIDADE,  
E ATINGE, AUGUSTA, AS LÚCIDAS ESFERAS:  
— A FORÇA INQUEBRANTÁVEL DA BONDADE.

CRUZ MAGALHÃES

*70 Valença*

# ACORES

**P**ORTUGAL não conhece a Portugal. Julga vê-se ao espelho quando lê os jornais. Portugal revê-se nos jornais e encontra-se um sudário de ignomínias: de injúrias mútuas, de baixezas, de intrigas, de maldades, de mexericos, de escândalos, de malversações, de perversidades, de insignificâncias torpes quando não de tragédias formidáveis...

Portugal não se conhece porque não olha para si mesmo: revê-se na sua imprensa, mas a imprensa só reflecte um miserável aspecto, indigno de figurar Portugal.

Eu já escrevi algures: Portugal não vem nos jornais. Esse Portugal, que não vem nos jornais e que por isso Portugal não vê, poucas vezes se dá por êle, porque é pacífico e honrado: trabalha e não faz barulho. A parte que se ouve fazer barulho não vale nada em Portugal: dá-se por ela e parece de grande monta, sómente pela insuportável algazarra que faz. Diz-se até que os vizinhos se queixam...

Chegam aqui jornais do continente, em que perpassa por vezes um novo problema, que se enuncia assim: — «a província contra Lisboa? — Lisboa contra a província?» (Segundo a imprensa, Portugal seria por excelência o país dos problemas... Isto de enunciar problemas é uma maneira cómoda de acomodar a preguiça e acobertar a ignorância, com a vantagem de se darem ares de que se estuda muito...)

Uma consciência regionalista, serena e ordeira, um critério saudável de uma província honrada e laboriosa, chamando á ordem uma capital leviana, dando-lhe duas surras e conduzindo-a pelas orelhas para o caminho do juizo — seria lindo de conceber-se... se a província que se manifestasse não fôra acaso um coalho de vinagreiras, de Lisboas em ponto pequeno, quiçá ainda menos suportáveis. E sejamos justos: Lisboa vive acaso feliz do que em Lisboa se passa? Acaso Lisboa governa Lisboa? Foi Lisboa que escavacou o Rossio? Não estará a capital coacta sob uma camada ligeira mas dissolvente, sem valor em quantidade e em qualidade, que não chegaria a cumular dois porões de regular tonelagem?

Portugal tem de tornar a encontrar Portugal e de o reconhecer, noutra parte que não nas colunas das gazetas. Contemple, com olhos de vêr, a sua província: a que trabalha e sofre — e não a que finge que reponta e se entretém a forjar problemas novos. Olhe para a sua capital, porque lá também se trabalha e se sofre e só uma insignificante parcela de gente perpetra crimes e diz asneiras. E lembre-se de que Portugal não é só a capital e a província...

Aqui em pleno Atlântico, quasi a meia distância entre a Europa e o Novo Mundo, há portugueses, tam bons como os melhores... A êles tem a Pátria recorrido em horas graves — recorreu-lhes, mas esqueceu-lhes os serviços. Os portugueses dos Açores são a prova flagrante da vitalidade de Portugal, das condições de expansão da sua gente, da sua laboriosidade, da sua dignidade, do seu fundo moral — estruturalmente digno, honrado e bom.

Nove farrapos de terra se estiram ao comprido, em três linhas paralelas, de Santa Maria ao Córvo, — nove rincões de lava, envoltos em bruma, expostos a um sol que lhes faz negaças — nove terras de sonho povôa uma população limpa de corpo e de alma. Dêles, dêsses farrapos de terra, de uma feracidade que faz pasmar os entendidos, arranca o de que vive, e do que sobra — que muito é! — ainda vai prover a Mãe-Pátria. Excessiva para a extensão do solo, que lhe não basta, vai povoar ainda o Novo Mundo e coalha nele centros de população portuguesa, que se registam na Babilónia americana. Lia-se há tempos num jornal *yankee* qualquer coisa como isto: «os Açoreanos distinguem-se pela sua actividade, pela sua resistência ao trabalho, pelo seu temperamento ordeiro...»

Conseguirei eu, com os recursos únicos da minha observação deficiente, chamar — nas páginas da *Alma Nova* — a atenção da gente boa da minha terra para estas outras terras que também portuguesas são... para estas outras gentes que também são de Portugal — para as belezas de umas, para as boas qualidades das outras?

BRAGA PAIXÃO





# COLONIAS



**C**ONVIDA-ME a amizade do director da *Alma Nova* para reatar o grato convívio intelectual com os companheiros das páginas da antiga *Alma*, hoje renovada, e sempre nova, e com os leitores abandonados em 1918. Gratamente o faço e como antigo colaborador do modesto jornal de estudantes por onde a *Alma Nova* começou dão-me o encargo de uma secção em que verse os problemas a cujo estudo por preferência e dever principalmente me dedico: os problemas que dizem respeito à colonização e às colónias.

Se não posso louvar a escolha louvo no entanto calorosamente o intuito de consagrar a esses assuntos uma das secções desta Revista.

Todas as questões que dizem respeito às colónias e aos problemas da colonização têm para nós uma importância cada vez maior. Não falando já nos dois milhões e setecentos e noventa mil quilómetros quadrados que elas acrescentam à superfície da terra pátria—o que, digase de passagem, nos impõe obrigações e responsabilidades de que frequentemente nos esquecemos e nos tornam em superfície uma das grandes nações do mundo—das colónias depende, conforme se tem dito, a conservação da nossa própria autonomia política e a possibilidade da nossa existência pelo auxílio que, com mútuas vantagens, esse grande corpo disperso pelas cinco partes do mundo pode dar a esta desvairada cabeça que é formada pelo Portugal europeu.

Problemas de ordem económica, com toda a complexidade dos factores que em tais problemas entram, desde o aproveitamento para nossa alimentação dos productos da sua agricultura até a fixação nos seus territórios de alguns dos milhares de portugueses que a fome atrai para fóra da pátria, problemas de ordem política que necessitam a observação atenta dos interesses e ambições que dividem e dominam o mundo, todos eles merecem a atenção de todo o português medianamente culto, e numa revista que pretenda focar os aspectos mais importantes da vida portuguesa não podem ser esquecidos e para eles se deve chamar a atenção do leitor.

Não que numa revista da natureza da *Alma Nova* se possam e devam debater problemas de ordem técnica que por muito especializados não interessam o comum das pessoas, que esses devem ser reservados para os trabalhos, relatórios e revistas especiais, mas porque a toda a

gente importam as conclusões a que sobre tais pontos se chega e necessário é trazer-lhe periodicamente ante os olhos alguns de esses aspectos com o desenvolvimento, e a regularidade, que o jornal quotidiano não atinge, dominado pela cetera de espaço e pelo mercantilismo da *ultima hora* sensacional, e ao mesmo tempo com a leveza que os trabalhos especiais não precisam e não podem ter, e de que o profano desejoso no entanto de conhecê-los, não prescinde para se decidir a abordá-los.

E' isso que se procurará fazer nesta secção e crêmos que, pelo simples facto de a manter e chamar persistentemente a atenção dos seus leitores para tais problemas, a *Alma Nova* prestará um bom serviço mesmo àqueles que profundamente os conhecem e nada aprenderiam ao lê-la, mas aos quais, precisamente, falta que o público, com conhecimento de causa, os possa ouvir e apoiar. Nem para esses aqui escreveríamos. As soluções para esses complexos problemas não podem ser dadas nas colunas de uma revista destas por uma opinião individual, ainda que em muito excedesse a competência, tão limitada, do cronista. O que podemos e julgamos que devemos fazer é apenas, repetimo-lo, *chamar a atenção dos leitores para os problemas e dar-lhes a conhecer as soluções que lhes foram dadas, dentro de determinados princípios.*

Procuraremos perante os nossos leitores acompanhar o nosso movimento colonial nos seus aspectos administrativo e económico, pela análise dos esforços que neles colaboram, e ao mesmo tempo procuraremos dar nota dos mais importantes factos do movimento colonial de outras nações, que temos o maior proveito em conhecer e que o geral das pessoas com dificuldade conhece pela falta de revistas ou jornais que resumidamente tragam ao seu conhecimento os assuntos tratados nas obras e jornais estrangeiros da especialidade e a forma por que eles apreciam os factos. Com muita satisfação podemos ainda anunciar que contamos com a colaboração e auxílio de eminentes colonialistas.

Pela importância do assunto, pela autoridade dos escritores com cuja colaboração contamos, e—à falta de melhores qualidades—pela independência e sinceridade com que procuraremos expor os problemas de que tratarmos, esperamos que a simpatia dos leitores acompanhe esta secção da *Alma Nova*.

J. GONÇALO SANTA RITA



# ARTE



## SECÇÃO DE PINTURA

(Dirigida por Martinho da Fonseca e Eduardo Romero)

**A**BELA ARTE da Pintura encontrará na «Alma Nova» um elemento acolhedor e de propaganda dedicadíssimo, onde, a par de impressões de caracter noticioso e crítico sobre Arte e Artistas de todas as nacionalidades, se fixarão, insistentemente, reproduções de obras de artistas portugueses. Nesta orientação, prestaremos com sincera espontaneidade um fervoroso preito de homenagem aos Mestres, certos de que para os Novos tal gesto significará, no reconhecimento iniludível de uma afirmação de valor, o mais quente aplauso pelos seus trabalhos e, ao mesmo tempo, a franca oferta de um estímulo que os leve a prosseguir com entusiasmo e fé o caminho traçado.

Dentro propriamente da Escola Portuguesa, a sua história, que dia a dia se vai completando e enriquecendo — e é-nos grato recordar aqui os nomes ilustres de Columbano, director do Museu de Arte Contemporânea, José de Figueiredo, que dirige o Museu de Arte Antiga, e Luciano Freire, que salvou com a mestria dos seus restauros tanta obra-prima — a sua história dar-nos-á inesgotáveis assuntos, quer para uma ou outra apreciação, quer, como está dito acima, para fixarmos pela imagem gravada as obras mais expressivamente representativas, tanto no que elas afirmem de muito pessoal, no que respeita aos seus autores, como também, por um seu mais alto significado moral, no que imponham a nacionalidade portuguesa como um valor na Arte — colocando Portugal ao nível e no conceito dos países de requintada cultura mental e estética.

## ARQUITECTURA

(Dirigida por Jorge Segurado)

**E**STA secção propõe-se: Enaltecer a Architectura Portuguesa, sobretudo a doméstica, e demonstrar que ela é lógica e harmónica com a nossa história, o nosso clima e a nossa tradição; combater as construções do género «Chalet», assim como aquelas que além de serem anti-estéticas são pretenciosas; apresentar autores e reproduções de projectos de casas de habitação com character bem português e outros edificios, e publicar estudos.

## CARICATURA

(Dirigida por Francisco Valença)

**U**MA revista do género da *Alma Nova*, sem a sua página de caricatura ou desenho humorístico, satírico, fantasista, se assim o preferem, era como uma cantora ricamente vestida, mas sem voz, como um dia sem sol ou como um lago de remansoso jardim onde não vôgem cisnes.

Sempre a forma desenhada do humorismo, nas suas variadíssimas modalidades e objectivos, desempenhou importante papel nas publicações que lhe solicitaram os inesgotáveis recursos, mas na época que atravessamos torna-se ela imprescindível, como propagadora de bom-humor. Precisamos hoje, mais do que nunca, de boa disposição de espírito, de risonha calma e de segura confiança nos destinos do país. Nada de pessimismos! Nada de desânimos, que sómente nos acabrunham, abatendo-nos as energias!... O Riso é bom conselheiro, e no momento que passa há uma grande necessidade de rir.

Parece que assim mesmo o compreenderam todos os jornais da capital que, não sendo de caricaturas, as estão publicando diariamente.

«Caricatura» já por si quer dizer Liberdade — a Liberdade bem compreendida. Seria, portanto, absurdo que ela não presidisse

sempre a esta secção, que tão gentil como desacertadamente me foi confiada. Desenhe os meus caros colegas como e o que quiserem. Só um pedido lhes faço: guardemos o lápis-arma política. Sirvamo-nos da lápis que não agride mas diverte, que alegra em vez de irritar. Estamos entendidos?

Uma ou outra vez — sendo a primeira no presente número — reproduziremos trabalhos dos nossos desenhadores-humoristas falecidos. Tendo sido, incontestavelmente, Ratael Bordalo Pinheiro o maior de todos, não podíamos deixar de iniciar a secção com um gracioso inédito do Mestre, existente no museu que guarda a sua obra preciosa e cuja reprodução devemos á ilimitada gentileza desse admirável admirador de Bordalo, o patriótico e benemérito fundador daquele museu, sr. Cruz Magalhães.



SANTA RITA PINTOR

ESTE saudoso e originalíssimo Artista, do qual a *Alma Nova* se ocupará oportunamente com o carinho e o interesse de que a sua memória é digna, foi um dos mais dedicados amigos do nosso director artistico, que sempre lhe retribuiu essa amizade. Anunciando a grata nova, publicamos hoje um flagrante «croquis» do curioso artista, desenhado por Saavedra Machado, há alguns anos, quando duma das visitas de Santa Rita Pintor ao seu atelier.

## MIGALHAS HISTÓRICAS

## VILA NOVA DE PORTIMÃO

**N**A galeria de figuras célebres que a história regista nos anais do antigo reino do Algarve, tão vasta em perfis de intrépidos e valentes guerreiros, de aventureiros e audazes pilotos e marcantes, de prestigiosos fidalgos e cortezãos, e até de santos varões cujas virtudes e perfeições morais os agiologios exaltam e apregôam, destacam-se os vultos dos primeiros senhores e donatários da laboriosa e importante vila de Portimão, os *Castelbrancos*. E dentre estes é sobremaneira notável e interessante a figura de D. Martinho de Castelbranco, primeiro conde titular desta vila por carta régia de 28 de maio de 1504, confirmada por alvará de 18 de agosto de 1523. Foi seu pai Gonçalo Vaz de Castelbranco, o primeiro senhor desta vila, por mercê que lhe foi concedida por D. Afonso V em atenção aos muitos e importantes serviços que prestara nos combates e escaramuças que se feriram em frente das muralhas de Arzila e na batalha de Toro, tão fraca e indecisa nos seus resultados, mas tão forte no ardor e denodo dos cavaleiros portugueses que ali pelejaram Reconhecida mais tarde pequena a mercê do senhorio da vila para galardoar tão valiosos serviços, Gonçalo Vaz de Castelbranco é feito vedor da fazenda, monteiro-mór, regedor da Casa da Suplicação, almotacé-mór e escrivão da puridade do referido monarca, que assim tão pródiga e largamente recompensava o seu valido e companheiro de armas.

D. Martinho de Castelbranco, seu filho, que do pai herdara as qualidades de esforçado e varonil cavaleiro, avantajou-se-lhe, porém, nos dotes e prendas da inteligência e da cultura, nas graças e audácias de galanteador, nas boas *manhas* da arte da montaria e altanaria, nos jogos de canas e cavalhadas e em todas as mais diversões que entretinham a corte e em que era perito. Ele foi uma das mais prestigiosas figuras do reinado de D. João III, depois de ter já desempenhado um importante papel no longo espaço que vai dos reinados de D. Afonso V ao daquele monarca, cujas côrtes tão esplendentes viram desabrochar os mais belos engenhos e onde luziram os mais dotados e formosíssimos espritos que têm iluminado a nossa história literária.

Para nessas côrtes D. Martinho merecer o epíteto de *«muy magnífico»*, como o apelida Garcia de Rezende, era realmente necessário que o primeiro conde de Vila Nova de Portimão fôsse nelas, especialmente na faustosa e opulenta corte de D. Manuel, e depois na austera e grave vida palaciana de D. João III, uma das figuras de maior relêvo, não só pelas altas funções que ocupava, como também na galhardia e esbelta atitude das suas maneiras, na pompa com que vestia os seus gibões de veludo golpeados, os seus custosos tabarões de ricas telas, no agrado com que era ouvido nas seroadas do paço pelas donas, donzelas e cuvilheiras quando, como um bardo ou menestrel doutras éras, assim respondia ao mote que uma dessas damas lhe dava:

«Day-me hum pouco de vaguar,  
nom mays que para poder  
em minha vyda cuydar,  
porque soo com me lembrar  
me podereis esquecer,  
e se cuydais qu'e fauor  
jsto que peço, matay-me;  
e se nam quereis, leyxay-me  
porque chore minha dor.» (1)

Na corte de D. Manoel desempenhou D. Martinho as mais elevadas funções palatinas, monarca que por êle tinha grande estima e confiança, de quem era

confidente e consultor nos mais graves e importantes negócios do Estado e de quem foi testamenteiro nomeado no testamento com que o rei venturoso falleceu em 13 de dezembro de 1521.

Foi o conde de Vila Nova de Portimão a quem D. Manuel confiou, juntamente com o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, a honrosa missão de acompanharem a sua filha, a formosíssima infanta D. Beatriz, a *Menina e Moça* da semi-legendária história dos amores de Bernardim Ribeiro.

Como é sabido esta princeza casára em Lisboa por procuração com Carlos III, duque de Saboya, e em 9 de agosto de 1521 partia do Tejo a bordo do navio Santa Catarina do Monte Sinai, uma bela nau feita na India, de oitocentas toneladas, «mui maravilhosa, muito formosa, muito veleira e segura no mar», no dizer de Garcia de Rezende, nau que ia escoltada por uma poderosa esquadra de dezoito navios, também rica e custosamente armados e providos.

Ja D. Martinho de Castelbranco, além de embaixador, revestido das altas funções de capitão-mór e governador de toda a frota, e fazia-se acompanhar de seus filhos D. Francisco, o primogénito, D. João, D. Antonio e D. Afonso, o primeiro dos quais comandava também uma das naus.

Na corte de D. João III, de quem era já camareiro-mór, quando príncipe, desempenhou também D. Martinho os mais altos cargos da governança do Estado, como: membro do conselho do rei, regedor das suas justicas, meirinho-mór do reino, superintendente das aposentadorias e general das suas armadas.

O documento que publicamos a seguir e que desentranhamos de uma das mais ricas e copiosas colecções do nosso Arquivo Nacional é uma curiosa carta da Câmara de Portimão para el-rei, congratulando-se pela posse que D. Martinho de Castelbranco tomara do senhorio da vila e enaltecendo os serviços que êle e os seus ascendentes haviam prestado á mesma vila, ao monarca e ao reino com grande cópia de virtudes e muita lealdade.

Foi essa carta, cujo teor mostramos a seguir, que nos sugeriu e fez evocar o belo perfil do primeiro titular da pitoresca vila algarvia.

«*Senhor*: — Os Juizes e vereadores e procurador do concelho e homens principaes de Vila Nova de Portimão fazemos saber a Vossa Alteza como em nome de Dom Martinho de Castelo Branco se veo tomar posse desta vila e folgamos tanto de lha dar quanto diyamos pelas muitas obrigações que tinhamos a seu pai e aão e bisauo pelo muito amor que nos tiverão e muitos favores que sempre delles rreçebemos / e pois em pouo se achia conhecimento quanta confiança se deve ter nas muitas vertudes e grandeza de Vossa Alteza / que lhe não esquecerão os muitos serviços que seus avões fizeram aos Rreys e ao Rreyno / e quanta lealdade neles sempre se achou / a serem taes que os Rreys os deixarão por seus testamenteiros / e esperamos que seu neto saíraa a elles por vir de taes pesos e pela criação e geito que dizem que tem / e jnda que não scya necesario lembrar a Vossa Alteza que dee o officio de seu pai a seu filho e asi o título de seu avo / por quão lembrado he de ffazer consas Justas e de rrezaão o fazemos por saber Vossa Alteza quanta obrigação e diuida temos a todas estas pessoas / noso senhor a vida e rreal estado de Vossa Alteza por muitos annos amente para seu serviço / esprita na camara desta vila Francisco Cabrita espruão dela a fez a 25 de outubro de 1548.»

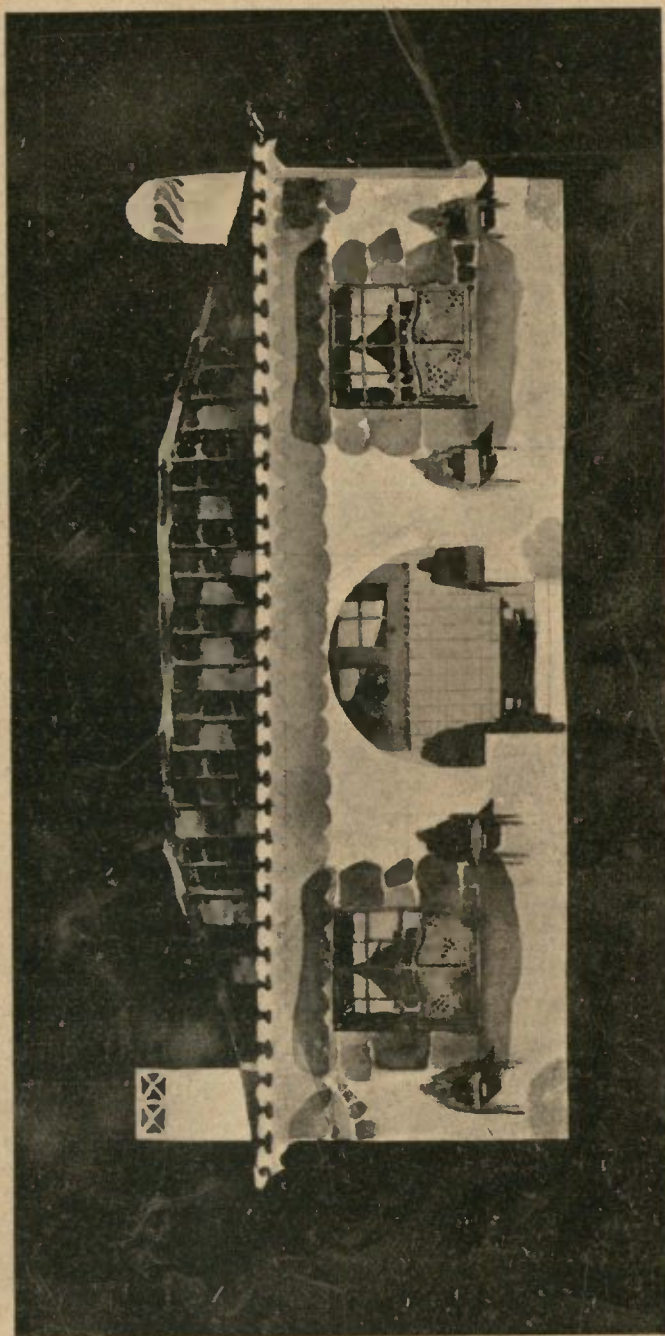
João barroso — Afonso . . . . . Gaspar mar  
tins — Francisco dolyueira João . . . . .

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Corpo Chronológico* — Parte I — doc. n.º 71.)

P. M. LARANJO COELHO

(1). — Garcia de Rezende — *Cancioneiro*.

ARQUITECTURA PORTUGUESA



•CASAL DA PAZ • PROJECTO DE VASCO DE MORAIS PALMEIRO (REGALEIRA)

PARA SINTRA

O HEROISMO ANÓNIMO



NA FLANDRES · UM EXPRESSIVO TIPO DE ARTILHEIRO

FOTOGRAVURA DO LIVRO «SANGUE D'EPOPEIA—A ARTILHARIA PORTUGUESA NA FLANDRES», QUE O DIRECTOR LITERÁRIO DA «ALMA NOVA» ACABA DE PUBLICAR.

## 9 D'ABRIL DE 1918

**A** ALMA NOVA, escolhendo a data histórica de 9 d'Abril para o seu reaparecimento—ela que fôra suspensa em começos de 1918 por motivo da abalada dos seus principais elementos para os campos de batallia—, quére assim prestar culto á memória honrada de quantos, caindo no seu posto, nessa trágica jornada, aí souberam manter sempre glorioso o nome de Portugal.

# CARTA A UMA MULHER MODERNA



(des. de D. ISAURA CAVALHEIRO)

Minha senhora

Faz hoje precisamente um mês que este «miserico mortal» passou alguns quartos de hora enlevado no seu gesto de princesa e no seu raciocínio de filósofo.

Recorda-se você ainda do assunto da nossa conversação? Pois, feiticeira antiga, venho agora rejeitar essa extravagante mulher moderna que você tão hábilmente fantasiou.

E não me censure por não ter logo manifestado a minha completa e enérgica discordância. Se acolhi sem revolta a sua argumentação viçosa, foi porque você falou com inteligência robusta e eu fui forçado a escutá-la com um coração fraco.

Uma mulher superior, (física e intelectualmente) como você, sabe insinuar-se por cada sentido e infiltrar-se por cada póro. As suas palavras têm sempre dois poderosos defensores — «duas lâscas de diamantes» que brilham na face com luz bastante para incendiar todos os corações...

Uma mulher formosa traz sempre consigo um argumento esmagador — o seu rosto. Com êle vence e convence o «sexo forte» por um processo de hipnotismo.

Eu também fui vítima dessa espécie de arinadilha suave, dêsse enleio doce, dêsse engano-felicidade. Mas hoje aqui proclamo bem alto que você pretendeu criar uma mulher quasi á sua «imagem e semelhança»...

Lá porque a natureza lhe deu um coração de gelo (ainda que servido por uns olhos de fogo), você acha bem que na alma feminina predomine a incapacidade de sentir as vibrações do amor.

O Amor, sustenta você, não é filho dessa rainha da formosura que os Gregos fantasiaram; é filho duma outra deusa mais verdadeira, mais real — a Razão. Foi ela que ensinou êsse «robusto infante alado» a balduciar os primeiros segredos, a ensaiar as primeiras carícias e até a vender os primeiros beijos.

As paixões enternecedoras, puras e sinceras só se desencadeiam nas páginas hipócritas dos romances. As que irrompem dos corações amantes são formadas de todas as sujidades morais: — o egoísmo, a ambição, o orgulho, o capricho, etc.

Não se fie, aconselha-me você, nas mulheres que se confessam apaixonadas, porque essas amam hoje e odeiam amanhã.

Nas paixões há só instinto cego, atracção brutal. Os apaixonados caminham ás apalpadelas; não vêem o que deviam ver nem sentem o que deviam sentir. Para êles não há meios termos, só conhecem os extremos — a candura dos anjos ou a perversidade das feras.

Para você a coragem decidida é a única virtude que deve florescer no coração da mulher. Todas as convenções «piegas» que a sociedade decretou, devem submeter-se a ela com a maior humildade.

O que é a tristeza num corpo corajoso? — interroga você. Um vermezinho roedor que vive num tronco riquíssimo de seiva.

O que vale o sentimentalismo mórbido dum povo comparado com a tão conhecida coragem dos Espartanos? O primeiro é medo que algema, o segundo é força que redime; um é vencido, outro é vencedor.

Diz você que a mulher de agora tem de acompanhar necessariamente, para felicidade sua, a evolução das sociedades novas, fazendo-se egoísta como o homem do nosso tempo e curando-se da sua maior doença — a excessiva sensibilidade.

O seu temperamento glacial repele a mulher-planta sensitiva. As almas sensitivas são almas doentias. Para a sua constituição viril está lóra de época a célebre frase de Michelet: «a mulher, desde que é mulher, é uma doente».

O coração feminino que pulsa num ambiente viciado e assiste a todo o momento á luta dos vis interesses dos homens, precisa de se tornar rijo como os rochedos da serria, para que nêle não entre nem uma seta de Cupido nem uma lágrima de piedade.

Você expressou na sua linguagem elegante a mais entusiástica admiração da coragem dessa matrona romana que se chamou A'rria.

Aprovou que ela exortasse o seu espôso a matar-se para não cair nas garras do imperador Cláudio.

Estou quasi convencido de que você também aplaude a audácia de Catarina II da Rússia por ter feito uma revolução que arrastou o seu marido das pedras frias do cárcere para o campo sombrio dos mortos.

Você não consente na alma da mulher o predicado eternamente simpático — o sentimento religioso, sem o qual ela é muitas vezes uma gentil rosa com espinhos...

Com tais teorias essa formosa metade do género humano ficaria, sem dúvida, (adaptando uma frase de Shakespeare) um manjar digno dos deuses, mas cozinhado pelo diabo. A mulher assim poderia descender do chagal, do cão raivoso e da luinha magra, como satirizou o poeta Simónides.

Não, minha Venus «criminosa», a mulher nunca poderá transformar-se em «bicharoco» tão malévolo...

Fadada a ser irmã, espôsa e mãe, quiseram os Céus que ela fôsse o cofre de todas as s. duções do espírito humano: o bálsamo para o infortúnio, o arrimo para o desamparo, a carícia para a saudade, o sorriso para a esperança.

Ela ha-de ser sempre a flor que os olhos cubiçam e o coração recolhe e afaga. Não porque ela possuía o dom de manejar, os homens com arte, mas porque tem inerte á sua essência a fragância subtil que embriaga, o aroma que fala eloqüentemente — a bondade.

Se amanhã o homem deixar vir á superfície tóda a sua animalidade primitiva e se se lançar em guerra sangrenta contra seu irmão, só uma força milagrosa o dominará — o amor da mulher.

Por todas estas breves considerações julgo condenávcis todas as suas idéias.

No entanto, é justo registá-lo, as suas extravagantes palavras destilaram-me no cérebro três conclusões muito lisonjeiras:

1.ª Não tinha razão Shopenhauer quando disse que a mulher é um ente de cabelo comprido e de entendimento curto.

2.ª Apesar de todos os defeitos que você me deixou adivinhar, é ainda a mulher o mais belo defeito da natureza, conforme escreveu Milton.

3.ª Pode você deixar sair dos seus lábios tentadores as palavras mais revolucionárias, que você continuará a ser sempre o mais belo pedaço da humanidade.

Mas já desobedecei a todas as regras epistolares e a todas as praxes da civilidade, perturbando a tranquillidade da sua consciência com a extensão fatigante e a aridez fútil desta minha carta. Contudo não esquecerei de responder áqueles dois pensamentos com que você fechou a discussão: «Meu amigo, arranje uma alma nova; o coração apaixonado é um coração velho, muito velho».

Pois, soberana minha, já arranjei uma «Alma Nova...»

Quanto ao coração, apraz-me dizê-lo, a onipotência dêsse corpo gracioso e dêsse espírito scintilante deixou-o «velhinho» de todo...

Beija-lhe as mãos o mais humilde dos seus admiradores.

GUERREIRO MURTA



DEZEMBRO DE 1921

**M**ANHÃ de Bosque... "Shimmy" de neve... Prostituição de sorrisos tiritantes. O vento, Barba-Azul de carnes, escalpela. O agente de polícia tem dois sorvetes nos olhos... Procissão minuciosa de pelucas de Redfern e Paquin. Céu de alumínio...

Um "Voisin" esgufo, roncante, zumbidor, espadana a brancura do solo, e mais longe derrapa, estridulamente, assustando cãesinhos de luxo. Dois cavaleiros saltam, e um riso môço, perfeito, cai da boca duma amazona. Três galgos russos, enfiados e nobres, seguem a marcha ondulante de três estrelas do "écran". Súbito, paragem murmurosa, beija-mão canalhã, indolente. O "Monsieur" tem luvas amarelas, gravata branca e olheiras, suspeitíssimas olheiras. As estrelas são doidas por olheiras dessas... Gestos langorosos, cinematográficos. Os galgos lambem as botas espelhantes do "Monsieur". Um saquinho adorável cai e ele dobra-se, e antes de restitui-lo fôrma nm ponto de interrogação. A neve tomba mais débil... Tango de neve.

Mais longe, lá onde não evoluem figurinos e raros passeantes aquecem os músculos, o Bosque é infinitamente mais natural. Apesar do frio, pares enamorados zigzagueiam pelos atalhos e olham, aconchegados, a superfície arripiada das lagoas. São, em geral, costureirinhas bonitas e militares gosando a folga. E nem que toda a espaventosa procissão da grande avenida surgisse agora aqui, eles se envergonhariam de trocar beijos e soltar o riso da juventude amorosa.

Desta cidade, a mais amável e galante das capitais modernas, escrevo aos leitores da "Alma Nova" considerações que julgo de interesse, não pelo valor da minha exposição, mas pelo caracter de atualidade que revestem. É, porém, fantasticamente difícil, para não dizer impossível, facultar num simples artigo, sobretudo a olhos exigentes, as minuciosidades do movimento intelectual desta população artística. As minhas frases são apenas écos.

Falemos de versos. Dum dos meus autores preferidos, Henri de Régnier, saíu há pouco o livro VESTIGIA FLAMMAE, (Edição do Mercure de France), e nele, como nos demais, achei a fina emoção e melancólica frescura de sempre :

"Il est doux de penser à la vie

En buvant

Dans une coupe,

Un beau vin pourpre.

D'où monte un chant

Mélancolique, grave, impérieux, ardent,

Comme la vie.....

.....Il est doux de penser à la mort

Entre la vie et l'amour qui penchent

Leur visage sur le miroir qui le reflète

Et qu'enguirlande

Un laurier d'or;

Il est doux de penser à la mort

Lorsque la vie est encore belle

Et lorsque l'amour pose encore

Sur un coeur qui bat haut et fort

Sa double flèche

Aigue et fraîche

A pointe d'or.»

Aqui e além a melodia cresce e embeleza-se de angustia torturada :

«Le Bonheur est un Dieu qui marche les mains vides  
Et regarde la Vie avec des yeux baissés...

Je suis un sablier ou s'écoule du sable  
Que n'ont pas recueilli mes doigts...

Et voici maintenant que toute ma sagesse  
S'en va comme un manteau déchiré par le vent...

Puis détournez de moi votre tendre visage  
Pour que ma solitude ait moins peur de mourir...»

O seu amor é imperiosamente orgulhoso :

«Lorsque vous la verrez, vous saurez que c'est elle  
Car la grâce si bien la pare qu'à sa main  
La rose qu'elle porte est toujours la plus belle.»

Êste livro vale muito e Henri de Régnier é um dos maiores escritores da França. De resto quem o não sabe?

## O PRÉMIO GONCOURT

Não pelo seu valor monetário, (5.000 francos), mas pela extraordinária voga que tal coroação acarreta, o Prémio Goncourt é, todos os anos, a ambição dos novos. Enumero a seguir as obras premiadas desde 1903:

1903: *Force Enemie*, de Antoine Nau, 1904: *La Maternelle*, de Léon Frapié, 1905: *Les Civilisés*, de Claude Farrère, 1906: *Dingley*, dos Irmãos Tharaud, 1907: *Terres Lorraines*, de Moselly, 1908: *Écrit sur de l'eau*, de Francis de Miomandre, 1909: *En France*, de Marius Blond, 1910: *De Goupil à Margot*, de Louis Pérgaud, 1911: *Monsieur des Lourdinés*, de Cbateaubriant, 1912: *Fille de la plute*, de André Savignon, 1913: *Le peuple de la mer*, de Marc Elder, 1915: *Gaspard*, de René Benjamin, 1916: *Le feu*, de Henri Barbusse, 1917: *La flamme au poing*, de Henry Malberbe, 1918: *Civilisation*, de Georges Duhamel, 1919: *A l'ombre des jeunes filles en pleurs*, de Marcel Proust, 1920: *Nêne*, de Ernest Pérochon.

Publicára-se um livro «Maria Chapdelaine» (admirável narração do Canadá Francês) que teria de certo merecido, além das duzentas edições que conta, a recompensa Goncourt de 1921. Infelizmente, porém, Louis Hémon, o seu autor, não pertence já ao número dos vivos; foi, como Emile Verhaeren, este morto em pleno renome, esmagado estupidamente por um combóio expresso e bem longe d'aquí, em S. Francisco da California. Passaram dez anos, e só há mezes «Maria Chapdelaine», essa ingénua e triste historieta d'amor, emoldurando a vida árdua do cultivador canadiano, reeditado a instâncias da irmã de Hémon, acabou junto do público e da crítica o acolhimento que estes lhe deviam. Ao assinalar tal facto, não quero deixar de saudar emocionado a memória de Louis Hémon e de lamentar que a Academia Goncourt não possa coroar obras póstumas.

O prémio de 1921 acaba de ser atribuído a René Maran, pelo seu romance de costumes africanos «Batouala». Entendeu a Academia Goncourt proceder bem, e quer tal opinião seja errônea ou justa, é certo que múltiplas e rendosas edições atingirá o livro, desde agora preso á celebridade, em que René Maran, negro como a noite, ousada e talentosamente escreveu a apologia da sua raça escura.

BATOUALA, (Edição Albin Michel).

Os romances africanos de Rider Haggard conquistaram em Inglaterra duradoura popularidade. Faltava á França o historiador da alma negra. Hoje, a lacuna preencheu-se, e por seu turno a Academia Goncourt consagrou a aparição. Mais do que Rider Haggard, que levou sempre ao misterioso sertão a temeridade dos exploradores brancos e não incluiu na sua galeria um único volume essencialmente indígena, René Maran, o novo laureado — filho da Martinica e nascido em 1887, — conta-nos uma verdadeira história de pretos, e, justiça lhe seja feita, com tal talento o realiza, que lhe desculpamos a feição de tésé do seu prefácio. Na fachada lê-se, sob a rubrica «Batouala»: *verdadeiro romance negro*. Romance não, e o próprio autor o diz: apenas uma sucessão de águas-forles.

De entrada asseguro que o estilo é pessoal e colorido. O talento, dom fabuloso da Perfeição, abunda neste

pequeno volume. E, no entanto, o enredo é curto, quasi inexistente: as aventuras de Batouala, são factos quotidianos (no sertão, bem entendido) e o epílogo delas uma banalidade trágica. Batouala, notavel de Banda, aldeia do Dubangbi-Cbari, ama, entre suas mulheres, Yassiguindia, e sofre da traição de Bissibingui, seu protegido, espadaúdo mocetão que não se peja de cobiçá-la. Retardando a vingança, que surge aliás contra-prodncente, pois é Batouala quem perece, o autor compõe discursos de ódio aos brancos que, segundo êle, cheiram a cadáver, e descreve festins negros ruídosos de batuque e bailados inimagináveis. A definição que certo personagem aplica aos portugueses é mais do que injusta, frisa o limite da comparação. As atrocidades dos colonizadores mereceram aos brancos o ódio dos negros. Sabemos, no entanto, que aos nossos compatriotas cabe fama de justiça e moderação, que René Maran parece ignorar.

Destacarei, como primorosos, o capítulo inicial e o final.

L'EPITHALAME, de Jacques Chardonne, (Edição Stock).

No escrutínio final, obtiveram este livro e «Batouala» cinco votos cada; (A Academia Goncourt é composta por dez membros). Sendo o voto do presidente de valor duplo, o prémio foi atribuído a «Batouala». A perplexidade do público leitor é mais do que admissível. René Maran ou Jacques Chardonne? O público talvez se não conforme com o critério dos Goncourt, que recompensaram o albeamento de Maran, que vive na África Equatorial, não perdoando a Chardonne o ser, além de escritor de talento, próspero editor.

«L'Épithalame» é uma espessa novela de estilo forte e incisivo, que recomendo aos amadores dos vícios e debilidades sentimentais.

Um rapaz diverte-se a perverter uma rapariga e usa de todos os meios. Porém, uma vez casado, o futuro a dois pouco lhe sorri. A sua mulher é um panorama visto e revisto. Eis pouco mais ou menos, em duas palavras, o que Chardonne faz durar dois volumes. Não lhe perdoaria a crítica, se pela obra inteira se não espalhasse uma forma hábil, zeburada de originalidades, nova no aspecto emocional, que leva o leitor á última página sem esforço.

Entrevistado por «Comoedia» Jacques Chardonne declarou que publicará novo romance... dentro de seis ou sete anos. Esperemos.

LA CAVALIÈRE ELSA, de Pierre Mac Orlan, (Edição da Nouvelle Revue).

Num escrutínio anterior mereceu este romance cinco votos e não compreendo porque êles se não conservaram até á apuração.

Mac Orlan não debuta, consolida apenas uma reputação. O seu último livro é admirável de intuição dramática, e atravessa-o, como que a atenuar a «pavorante obsessão do enredo, um fio de implacável burlesco. «La Cavalière Elsa» é um livro de sangue e crepúsculo. E' também a obra dum Poeta. A acção é quasi cinematográfica (grave defeito), intercalada aqui e ali de paragens evocativas. O fecho é brutal, delirante como um pezadêlo d'ópio.

Elsa, mőca alemã, vive em Sebastopol, num ano

que ainda não chegou e em pleno regímen comunista. Seu pái, Comissário do Embelezamento, delega nas suas pequenas mãos a tarefa que não sabe cumprir. Elsa, de instintos bárbaros, sexualmente indecorosa, realiza coisas fantásticas. Por seu alto mandato, a grande avenida da cidade acha-se ornamentada a preceito: em cada árvore se balança um cadáver de burguês, vestindo saía de côr e gravata de corda ao pescoço. A turba passeia sob a morte hedionda e o brilho dum sol anémico. Escolhida mais tarde por Dorodjine, como símbolo vivo da alma popular, Elsa acompanha o exército asiático, que invade a velha Europa, rodeada de amigos que lançam aos quatro cantos do mundo o renomé do seu corpo flexível e culpado. Cada soldado possui uma fotografia de Elsa vestindo uniforme branco, gôrro da mesma côr, avivado por uma estrela vermelha. Os cabelos loiros emolduram um rosto puro, onde, como duas safíras perdidas na neve, os olhos reluzem. Elsa é para êles a lenda fabulosa da Beleza e da Verdade; para Dorodjine, apenas a vitória, que o serve, da atracção carnal sôbre a amorfa sensibilidade dos simples. O novo A'tila trucidada os regimentos da Civilização na fronteira da França e um certo dia de primavera o Sena contempla, horrorizado, a procissão dos Hunos.

Em Paris, onde amolece a sanha dos recém-vindos, organizam se novos sistemas e divisões do grande sistema. O chefe russo ordena luzentes diversões e estupendas inépcias saem da sua bôca. O capítulo que descreve a feira da Concorde é subtilmente cáustico. A turba ingénua comprime-se em redor de pavilhões iluminados, onde, ante assistências urran-tes, se exibem os magnates da vitória. Dorodjine grita

como um silvo de máquina e tão alto vai o som que rasga os ouvidos; o comissário francês devora, aos poucos, uma enorme vaca de açúcar, e a cavaleira Elsa — atracção sensacional — expõe-se nua a olhos deslumbrados, num círculo de metralhadoras e baionetas. Súbito irrompem aplausos frenéticos. Alguem informa que o francês acabou de engulir a vaca e é levado para casa, apoplético, quási a estoirar. Que formidável ironia a dêste capítulo!

Instalada em Versailles (que vergonha, oh mármores!) e escrava por dias dum ex-pintor que a abandona, Elsa, a loira, afoga-se por fim no oceano do prazer vertiginoso, como prostituta vulgar que nunca deixara de ser, e certa madrugada, em certo «cabaret» de Montmartre, é dilacerada por um antigo companheiro em manifesto estado de embriaguês. Epilogo que o leitor decerto não espera.

Êste livro que, como todos os de Mac Orlan, se filiam na arte do romance intenso, atinge por vezes culminâncias. Pena é que o autor, provido dum estilo tão original e saliente, o tenha escrito por ímpetos, resumindo em certas ocasiões o que poderia contar de modo feliz. Mac Orlan ora escreve aos arrancos ora parece descer rampas de abismo.

Para êstes três volumes é chamada a atenção heterógena do público. «Batouala» será lido dum háusto, «L'Epithalame» será digerido, «La Cavalière Elsa» não será compreendido pelo maior número, e é realmente pena, porque vale decerto os dois primeiros reunidos. Os iniciados que julguem.

NUNO VALENÇA

(A revista dá todas as informações sôbre actualidades artísticas parisienses, na RUE DU HELDER, 8 — PARIS).

OS NOSSOS  
:: POETAS ::

## PRESSAGIO

::: OS :::  
:: NOVOS ::

**A**S andorinhas formam-se na roda  
Que em vôos traçam, rente das colinas:  
—Eis tombam duas aves peregrinas  
A quem a morte quiz tratar da bôda!

A vida, nos teus olhos, morreu tôda!  
O luto abraça montes e campinas.  
E a espuma, a neve, a gaze das neblinas,  
Tomam a côr duma incerteza douda...

Oiço bater de assombro e de tristeza,  
Teu coração, ao ritmo desigual  
Do coração duma andorinha presa...

E no olhar, de lágrimas enxuto,  
Os teus cílios imensos ficam tal  
Um bater de ásas trémulas que escuto!

AMÉRICO DURÃO



Uma coisa exquenta



Quando bebo vinho



é por aqui



dá uma volta cá dentro



é bem saber, em aqui.

Note: Tem apenas dois côres - Carmim e azul e a  
 tinta do contorno

DESENHO INÉDITO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

# PÁGINA FEMININA

## MODAS

**A** VISADAS pelo calendário, sabemos que estamos na primavera, mas não porque as delícias da linda estação se fizessem já sentir, e cremos mesmo que as próprias andorinhas devem estar um pouco arrependidas de terem precipitado a sua chegada...

Talvez por isso nos custe deixar os hábitos a que um inverno rigoroso nos forçou, e um dêles será, por exemplo, o agradável conforto do «chá das 5».

Para este atraente passa-tempo, apresentamos ás nossas gentis leitoras um interessante modelo confeccionado em crepe «marocain» côr de coral, cuja originalidade está nas mangas, ornamentadas a «singe», vestígios da estação passada que muito bem se combinam com o tempo que atravessamos. A «toilette» é elegante e presta-se admiravelmente para o fim a que a destinamos.

\*  
Novidades sôbre a primavera, poucas. Esta apresenta-se, por enquanto, reservada e silenciosa.

## O BORDADO

**A** MODA, caprichosa como certas pessoas teimosas, tem ás vezes também o seu quê de útil e proveitoso.

Entre várias indústrias nacionais que actualmente se pretendem desenvolver, no que respeita a artes manuais e exclusivamente femininas, podemos ainda mais uma vez afirmar que, sem receio da concorrência estrangeira, o trabalho nacional é ainda o mais aperfeiçoado, se não sempre o mais bonito.

Para os trabalhos de paciência, pontinhos certos e bem feitos, não há como as portuguesas.

Quem melhor do que as nossas avós será capaz de tecer uma réde tão bem feitinha ou mesmo uma clássica passagem tão certinha n'uma peça de roupa usada?

As americanas nem sabem quasi coser; tudo que não seja executado á máquina acham extraordinário, não perdem mesmo o tempo em experiências. As inglesas, quasi masculinizadas, até mesmo no coser das meias são imperfeitas. Empregam uma linha tão espessa e tão feia que só a ideia de calçar meias por elas passajadas me faz calos imaginários...

E há ainda quem afirme e conteste ser delas o «bordado a branco», o «bordado inglês», como vulgarmente o alcunham certas meninas vaidosas...



Todavia podemos afirmar que a «silhouette» continúa esguia, sem deixar por isso de ser graciosa. O comprimento das saías acentua-se cada vez mais, excepto as dos «tailleurs», que se mantem um pouco curtas.

Para os vestidos «habillés», sempre gentis, dá um aspecto muito primaveril a combinação de tecidos leves com veludo ou «draps» do mesmo tom.

Os cintos de metal «vieillis» ou «jais» e os «panneaux», direitos ou irregulares continuam a ser a grande moda. Nas «toilettes» de grande cerimónia, é requintadamente «chic» o chamado «manteau de cour pailleté» e as reudas «d'argent».

Temos a acrescentar, que, dos chapéus, de variadíssimas fórmãs, distinguem-se, pela sua elegância e distinção, os bicornes e tricornes, predominando sempre o preto ou côres escuras, a contrastar com o berrante das flores. Porém, por agora, é cêdo demais para ornamentos tão primaveris e as aplicações de «jais» ou metal, devem satisfazer plenamente as exigencias das nossas elegantes.

M. A.

## DA MADEIRA

E' quasi uma heresia!...

O bordado a branco, seja qual fôr o seu risco, trabalhado ao bastidor ou simplesmente á mão, não pôde deixar de ser português.

Devemos chamar-lhe «bordado da Madeira» ou «bordado da Ilha».

«Actualmente é êle que predomina no adôrno das roupas, quer elas sejam de vestuário quer sejam de casa. Depois êle é ainda o mais duradouro, o mais bonito, e, podêmos mesmo dizê-lo, o mais «chic». E acima de tudo—é a móda...

O bordado da ilha deve ser feito com algodão brilhante, porque o torna mais fino e a linha de preferência usada é a da marca D. M. C. francesa. Entre esta devêmos sempre escolher a que tiver um tom anilado, pois é isso, á parte a perfeição, o que caracteriza o bordado executado na ilha. Há até quem o passe levemente por papei químico. O risco para o bordado não fica, porém, tão perfeito, se nos utilizarmos dêste papel. Empregando a linha bastante anilada, usando o processo acima indicado, deverá o desenho ser passado á transparência com um lápis muito duro e bastante aguçado. Concluindo: o trabalho deve ficar azulado, sem que contudo, o risco venha a perceber-se.

(Continuaremos)

M. K.

# ÁSAS DE GLÓRIA

AOS NOBRES AVIADORES  
GAGO COUTINHO E SACADURA  
CABRAL, CUJOS NOMES IMOR-  
REDOIROS SÃO DIGNA COMPA-  
NHIA, NA HISTÓRIA, DOS DE  
TODOS OS GIGANTES DE MAR  
DO SÉCULO DAS DESCOBER-  
TAS;—ÁS SUAS FORMOSÍSSI-  
MAS ALMAS DE GIGANTES  
DO AR.

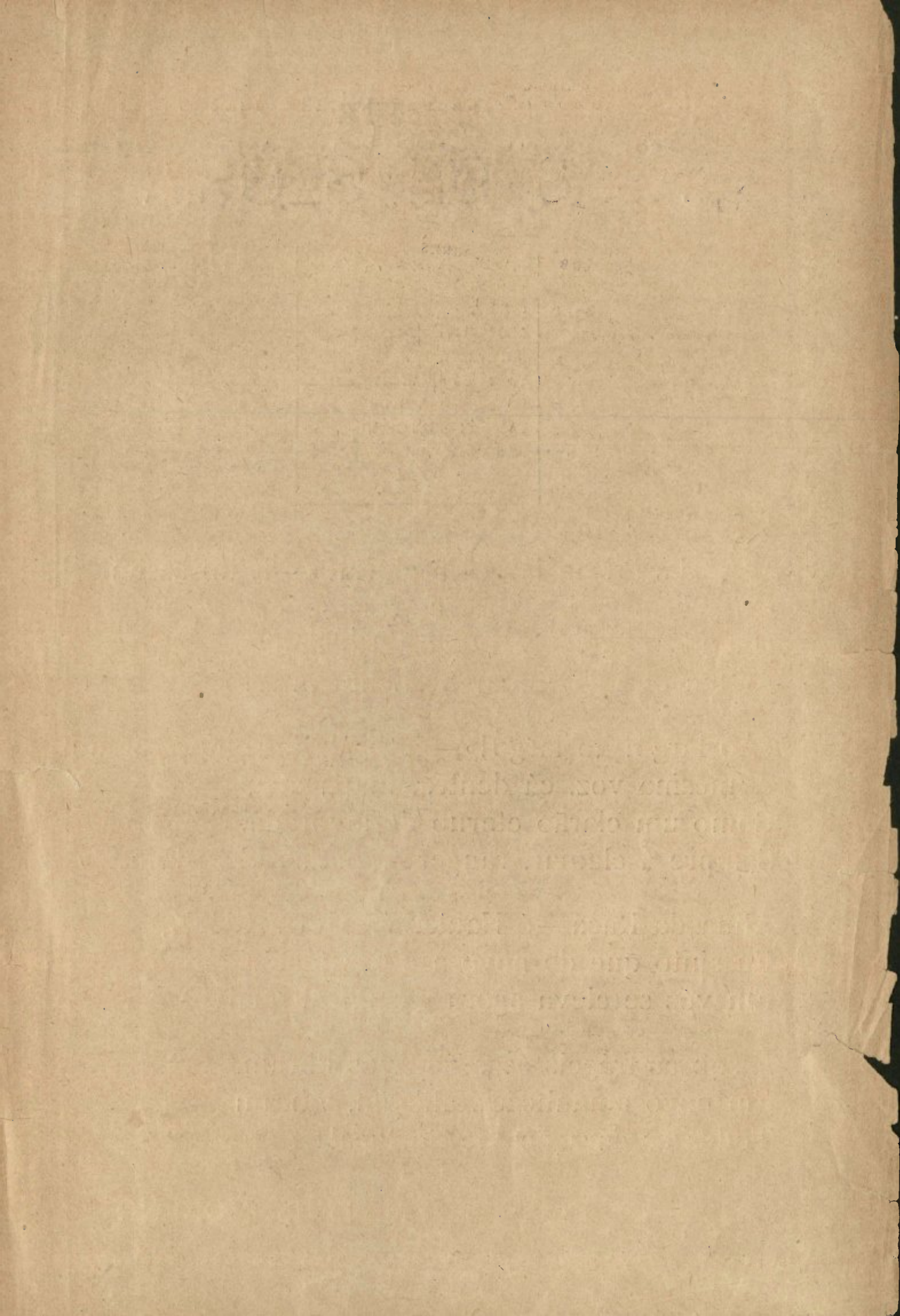
«Ao largo! ao largo! á glória!»—E foi assim  
Que ela partiu, a lusa marujada,  
Quando naquele arranco de abalada  
Arremeteram quilhas ao Sem-Fim...

«Ao largo! ao largo!»—E ainda, e sempre assim,  
A mesma voz, cá dentro, inapagada,  
Como um clarão eterno de alvorada,  
Sempre a clamar, ranger—«para o Sem-Fim...»

Alma da Raça—ó Nautas de Outra Glória,  
Eu sinto que de novo a nossa história  
Em vós se eleva agora—sim, tal qual!—

E sob as frágeis ásas que vos libram,  
Em novo amanhecer, alteiam, vibram  
Todos os corações de Portugal!

MATEUS MORENO





# BACADICA

MUSICA DE  
IVO CRUZ  
VERSOES DE  
JOSE SANCHO

SEPARATA DA  
ALMA  
NOVA

# BALADILHA

MÚSICA DE IVO CRUZ

LETRA DE JOSÉ DIAS SANCHO

(IL. DE ROBERTO NOBRE)

*Gracioso*

CANTO *O teu cor-po mu-si-cal É u-ma can-ção in-gé-nua Dum trova-dor pro-ven-çal. Uma a-men-do-ci-ra flo-ri-da*

PIANO *P.*

*Sob um céu a-zul do Março, Resplan-dente e a-dor-me-oi-da. O teu cor-po mu-si-cal faz lembrar a-a-çu-ge-na,*

*Bras-co, lin-doeir-ei-nal. Faz lembrar o tuar-dos-gos-to, Qu'alea, frute e di-vi-no Com sua lúbia*

*Muito calmo*

*rês-to. Faz lembrar a-a-qua cor-ren-te, Com seus mur-mú-rios de pra-ia, Tou cor-po da-da-tes-ten-te res-*

*A tempo*

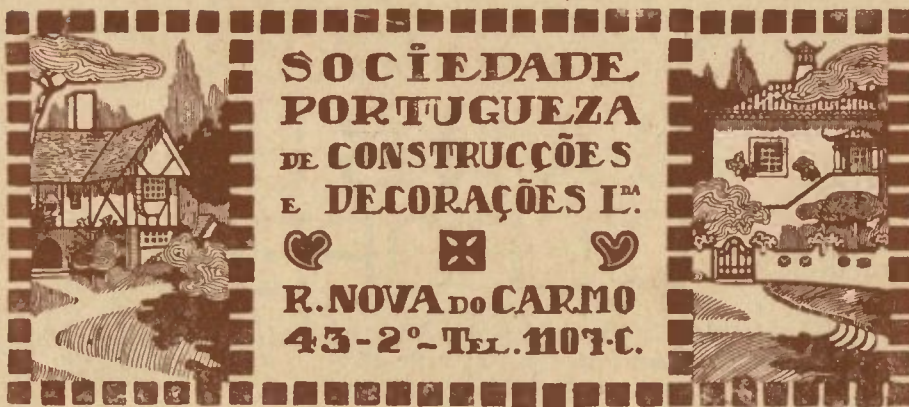
*pi-ma da al-ta-mar Não nos can-sa mais o-los De q'eu ri-sos, do an-dar. De ce-*

*noj-va li-ri-al É como a ro-sa bran-ca O teu cor-po mu-si-cal*

*Cada vez mais lento*

*(Seguindo a voz)*





**SOCIEDADE  
PORTUGUEZA  
DE CONSTRUÇÕES  
E DECORAÇÕES L.ª**

♥      ✕      ♥

**R. NOVA DO CARMO  
43-2º - TEL. 1107-C.**

VASCO DE MORAES PALMEIRO (REGALEIRA)  
(ARQUITECTO) L. S. A.



PROJECTOS COMPLETOS DE CASAS DE HABITAÇÃO.

...

DE EDIFÍCIOS PARA HOTEIS, CASINOS, ETC.

...

BOM GOSTO E CONFÔRTO

...

DECORAÇÕES INTERIORES

...

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS  
COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

...

TUDO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

...

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

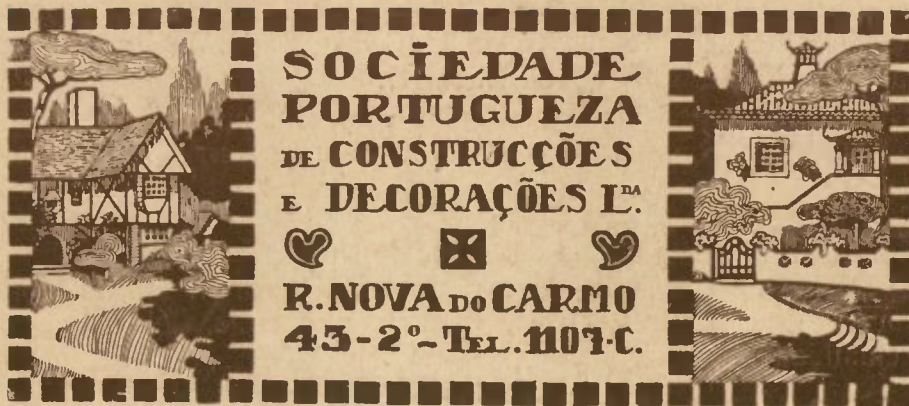
...

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA

ANUNCIO ECONÓMICO

ATÉ 20 PALAVRAS: 2\$50  
CADA PALAVRA A MAIS  
20 CENTÁVOS

NO PRÓXIMO N.º



VASCO DE MORAES PALMEIRO (REGALEIRA)  
(ARQUITECTO) L. S. A.

PROJECTOS COMPLETOS DE CASAS DE HABITAÇÃO.

DE EDIFICIOS PARA HOTEIS, CASINOS, ETC.

BOM GOSTO E CONFÔRTO

DECORAÇÕES INTERIORES

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS  
COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

TUDO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA

## NO PRÓXIMO NÚMERO

O LOUCO AMOR, delicada e impressionante novela, traduzida expressamente para a «Alma Nova» por FIDELINO DE FIGUEIREDO.

SÊ DO FUNCHAL, «a sua fisionomia artística»; por Emanuel Ribeiro.

O CASTELO DE SILVES, quadro á espátula de Samóra Barros, com a descrição histórica por Pedro M. Júdice.

A CULTURA FÍSICA, por Alvaro Colaço.

CARTA DE COIMBRA, com letra e desenhos de Nuno Cruz.

CARTA DO MINHO, por Cláudio Basto; do PORTO, por Alvaro de Moraes; de PARIS, por Nuno Valença; Letras, Artes, Sciencia & Filosofia, Colónias, Sports, Modas, Teatros, Actualidades, etc.

· CAPA DE SAMÓRA BARROS ·

### BREVEMENTE:

BARBAS NACIONAIS, curioso estudo de etnografia artística, por J. Leite de Vasconcelos, com ilustrações de Francisco Valença; O APITO E O ASSOBIÓ, pelo Dr. A. L., também curiosamente ilustrado, e O ALGARVE INTELECTUAL E ECONÓMICO, por algumas das mais competentes figuras algarvias.

### ACABA DE APARECER:

## “SANGUE D'EPOPEIA”

A ARTIHLARIA PORTUGUESA  
NA FLANDRES

POR

MATEUS MORENO

Edição muito ilustrada e com prefácio do Comandante General da Artilharia do C. E. P. e do Comandante do grupo que fez a Arrancada da Vitória.

Preço 3\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos, acompanhados da importancia á depositária:

“RESSURGIMENTO ED.ª” C. de João do Rio, 8, 1.º - LISBOA

## Manuel dos Santos Grifo

Fabricante de Lanifícios  
COVILHÃ

TODOS OS QUE PREZAM  
A ECONOMIA  
NÃO DEVEM COMPRAR  
FAZENDAS DE LÃ  
SEM PRIMEIRO  
CONFRONTAREM OS  
PREÇOS D'ESTA CASA

ENVIAM-SE AMOSTRAS PARA TODO  
O  
PAÍS E COLÓNIAS